

— Não-Não, feliz aniversário! — Lu Ming Fei terminou de cantar e sorriu, brincando. — Agora não te devo mais nada. O rosto de Não-Não brilhava suavemente sob a luz dos fogos de artifício, marcado por finas linhas de lágrimas. — Ei? O que foi? Chorou por minha causa? — Ming Fei se aproximou, curioso. Ela de repente sorriu, os olhos ainda úmidos, e desarrumou os cabelos dele com as mãos antes de se virar e sair andando. Lu Ming Fei ficou parado, deixando-a fazer o que quisesse, observando seus passos leves como os de um cervo. Depois de um bom tempo imóvel, também sorriu. — Ei, junior, você está falando sério? — Não-Não continuou caminhando, mas falou de repente. — Eu posso aceitar, sabe? Você não me deixa desconfortável, e ainda é divertido ficar com você. Ming Fei parou. Abriu a boca, tentando dizer algo, mas nada saiu. Após um silêncio, perguntou: — Senpai, lembra da história das vinte mil pessoas que eu te contei? — E aí? Quer dizer que eu não sou uma delas? — Não-Não revirou os olhos. — Você é, mas... tem uma garota que ainda está no meu coração — ele murmurou, melancólico. — Desde quando você viveu tanta coisa? Primeiro eu, agora essa tal garota... — Ela chutou uma pedrinha no chão, irritada. — Senpai, me dá um pouco mais de tempo, por favor... — Ming Fei parecia amargurado. Não-Não franziu os lábios, mudando de assunto. — A propósito, como você conseguiu esses fogos de artifício? — Segredo. Ela fez uma careta, suspeitando de algo, mas decidiu não comentar. — Eu posso esperar. — Sua voz foi tão leve quanto uma brisa. Ming Fei olhou para ela como se tivesse levado um choque. Não-Não estava de costas, olhando para o nada. Ele se perguntou se tinha ouvido direito. — Se é algo que você não consegue superar, então talvez seja mais um arrependimento — ela disse. — É... — ele respondeu baixinho. — Nem eu entendo direito o que sinto por ela. Só sei que prometi algo e não cumpri. Isso nunca saiu da minha cabeça... — Sei lá o que foi — Não-Não finalmente olhou nos seus olhos —, mas vai lá e resolve. Eu espero. O cérebro de Ming Fei travou. Ele ficou boquiaberto, paralisado. — Ei, junior, acho que estou começando a gostar de você. — Vendo sua reação, o lado travesso dela voltou, decidindo provocá-lo. A boca dele abriu ainda mais. — Tô brincando! — Chen Mo Nong apontou para o queixo dele, quase deslocado, e ergueu uma sobrancelha, sorrindo maliciosamente. — Mas pode ser... depende de você. Ming Fei sentiu o rosto queimar. Rapidamente, pegou o violão e pulou no carro, encarando o volante como se sua vida dependesse disso. — Senpai, entra logo! Se não, o portão da escola vai fechar! Não-Não riu, sentando no banco do passageiro. — Você é muito engraçado, junior. .... — Não acredito que, mesmo depois de renascer, ainda acabei sendo babá desse marmanjo. — Judy Masters suspirou, transferindo o pagamento final para a empresa de fogos "Floresta Verde". Ao pé da montanha, os funcionários da empresa recolhiam os equipamentos. — Eu também. Pare de reclamar. — A voz de Suen Qi veio pelo fone. — Quando voltar, vamos abrir um vinho para comemorar mais uma missão impossível concluída. — Judy esticou as longas pernas, impaciente. — Desde que eu não precise beber. Capítulo 30 - Cena 29: Tudo Por Você Ronald Tang dormiu até o meio-dia. Ao pegar o celular, viu que já eram 12h36. Coçou a cabeça desgrenhada, bocejou e se preparou para dormir mais um pouco. O barulho de um trem lá fora destruiu seu sono instantaneamente. — Droga... — Lao Tang pulou da cama, xingando enquanto se vestia. Seu apartamento era péssimo: sem sol no inverno, sem vento no verão, e ao lado dos trilhos do trem. As paredes estavam manchadas de umidade, e o mofo dominava o ambiente minúsculo de menos de 40m<sup>2</sup>. Em dias chuvosos, até musgo crescia nos cantos. Em Nova York, chamavam isso de "moradia econômica". Para alguém como ele, que vivia de trabalhos perigosos e sem renda fixa, era perfeito. Afinal, nunca se sabia quando a próxima missão seria a última. Lavou o rosto com água fria e emborcou uma garrafa de água na cozinha. Na despensa, só restava um pacote de macarrão instantâneo. Fazendo as contas, viu que o dinheiro duraria só mais alguns dias. Sentou-se no computador e digitou um site familiar. A página preta com letras vermelhas tinha um ar sinistro. Rolou a lista de recompensas com o mouse. Ele era um caçador profissional há anos, especializado em casos sobrenaturais. Nada de vampiros, fantasmas ou templos perdidos o assustavam. Abandonou a escola cedo, sem talento para estudos. Órfão desde que se entendia por gente, nunca conheceu os pais. A vida o levou para esse mundo, e, de algum modo, ele sempre teve sorte. Missões em tumbas antigas ou naufrágios? Nunca falhava. Era como se um sexto sentido o guiasse, evitando armadilhas e encontrando caminhos. Mas talvez a sorte fosse grande demais. Numa vida longa e

tediosa, ele não tinha muitos objetivos. Mas gostava de dinheiro, então não se importava de aceitar alguns trabalhos, especialmente quando podia ganhar algo fazendo coisas emocionantes. Às vezes até pensava que, por serem tão empolgantes, faria mesmo sem pagamento. Afinal, para alguém como ele, sem muitos amigos, jogar e aceitar missões era basicamente tudo na vida. Ele achava os jogos ótimos — matavam o tempo e serviam de escape. Num mundo feito de dados virtuais, comandava tropas, lutava contra oponentes e curtia a satisfação de vencê-los. Um dos seus poucos amigos — ou melhor, "amigo virtual" — usava como foto de perfil um urso de cabeça enorme, ganhando o apelido de Urso Cabeçuda. Era um mestre no jogo, capaz de derrotar sozinho todo um grupo de jogadores. Há pouco tempo, ele mesmo tinha vencido o Urso Cabeçuda seis vezes seguidas, ficando bem orgulhoso. Até que, num bate-papo, o amigo soltou que jogava usando apenas o trackpoint de um velho notebook IBM, só para aumentar a dificuldade, já que os adversários eram fracos demais. — Quase morri de raiva! — ele pensou. Qualquer jogador sabia o quanto era difícil usar aquele pontinho vermelho, tipo tentar limpar o ouvido com um rolo de massa. O Urso Cabeçuda explicou que não tinha paciência para contar ao grupo que estava aumentando a dificuldade por tédio. Depois de vencer todo mundo com micromanagement, passou a jogar só com a mão esquerda. Quando dominou isso, abandonou o mouse e usou só o trackpoint. Se um dia ficasse bom até nisso, como mataria o tempo? Isso o deixou contente. O Urso Cabeçuda devia ser parecido com ele — ambos faziam coisas inúteis para ocupar a vida... e ambos eram igualmente solitários. O amigo mencionou que estava estudando nos EUA, não em Nova York, mas num tal de Instituto Kassel, nos arredores de Chicago. Ele sonhava em levar o Urso Cabeçuda para um tour de ônibus pela América quando viesse, mas não sabia quando seria. O som da panela fervendo o fez lembrar do macarrão instantâneo. Correu para a cozinha, rasgou o último pacote e jogou o bloco duro na água borbulhante. Observou o macarrão amolecer, levou a panela de volta ao computador e, tomado por uma solidão súbita, clicou no ícone do Urso Cabeçuda. — Ei, Urso, quando vem pra Nova York? Te levo pra passear de ônibus pelo país. No dormitório, Luming Fei jogava StarCraft contra um oponente mediano. Digitava no chat: — Humanos contra Zergs nem precisam de tanques. Os pro players fazem rush de fuzileiros com enfermeiras, esmagam os Zergs antes dos cachorros evoluírem... Depois, esquadrões de cruzadores acabam o serviço. O ícone do QQ piscou. Era Lao Tang, com seu avatar de panda safado. — Assim que der, combinamos. Mas me busca no aeroporto, hein? — Luming respondeu rápido. — Pode deixar — Lao Tang desconectou. Luming recostou-se na cadeira, suspirando. Não sabia ainda como resolver o problema de Lao Tang. Tinha imaginado que tudo se ajeitaria, mas a hora estava chegando: Lao Tang estava prestes a "acordar", e ele ali, perdendo tempo com Fangou. O frasco com os restos de Constantin já tinha sido recuperado. Logo, o diretor Anre sabotaria os experimentos para libertar e matar o dragão. Ele não podia deixar aquilo se repetir... Mas como impedir que as memórias de Nuodeng devorassem Lao Tang? — Vou ter que ir até Nova York... — O quê? — Fangou acordou de repente, mesmo estando "morto" de sono. — Vai pra NY? Leva eu! Luming olhou para ele e viu sua expressão congelar. — Irmão, é fácil evitar que seu amigo seja consumido — uma voz surgiu atrás dele. — Como? — Virando-se, viu Xiaomo usando um pijama com estampa de panda. — Crie memórias boas. Assim, as emoções humanas vão prevalecer — Xiaomo estalou os dedos. — Que roupa é essa? — Tava dormindo. Quando soube do seu problema, vim correndo — Xiaomo sorriu inocente. — Sou um bom irmão, né? — Muito bom — Luming afagou sua cabeça. — E como criamos essas memórias? — Leve-o para passear em NY. Quando Nuodeng acordar, eu cuido do resto. — Então talvez dê pra levar o Fangou... — Luming olhou para o colega paralisado, com uma cara engraçada. — Ele é puro entretenimento, ótimo pra dar um clima. — Ótimo — Xiaomo bocejou. — Volto a dormir. Ah, e traga seu amigo para Kassel. Podemos resolver tudo junto com Constantin. — Parece que você quer matá-los... O tempo voltou ao normal. Fangou pulou e agarrou sua perna: — Me leva, me leva! — Beleza — Luming sorriu. — Eita, por que está sendo tão fácil assim? — Perguntou Fengel, soltando a perna dele com desconfiança. — Você não está tramando algo contra mim, está? — Vai se quiser. — Lu Mingfei revirou os olhos. — Se realmente quer ir, é só me avisar que eu peço licença ao reitor. — Que atitude! — Fengel ergueu o polegar, impressionado. — E você duvidava? — Lu Mingfei bufou, orgulhoso. — Sou o cara que ganhou a bolsa

do reitor, tá? [...][...]O escritório do reitor era um lugar incrível. O ar carregava um leve aroma de madeira envelhecida, e por todos os lados se via o brilho aveludado de móveis antigos. Estantes enormes, chegando até o teto, transbordavam de livros. Escadas de madeira serpenteavam pelo ambiente, dividindo o espaço em pequenos cantos, como uma gaiola gigante. O reitor Angre inclinou o bule de porcelana, deixando um fio de líquido vermelho-escuro escorrer, acompanhado por uma fumaça branca e densa, direto para a xícara.— Chá de Ceilão, da região de Uva, no Sri Lanka. Colhido em agosto, muito encorpado. Recomendo saborear com atenção. Quer leite?— Valeu, mas não. — Ele coçou a cabeça, sem graça. — Não entendo muito de chá. Lu Mingfei sentou-se sob a claraboia, tomando um gole do "chá especial do reitor". A luz do sol, filtrada pelo vidro fosco, banhava seu corpo.— Olá, Lu Mingfei. Imaginei que nosso primeiro encontro seria em aula. — Angre sorriu caloroso, sentado atrás da mesa. — O que o traz aqui?— É o seguinte, reitor... — Lu Mingfei apoiou a xícara. — Preciso de um dia de licença para ir a Nova York.— Oh? Pode me dizer o motivo? — O reitor manteve o sorriso, fitando-o nos olhos.— Um amigo meu está lá, passando por uma fase difícil. Quero acompanhá-lo por uns dias, ajudá-lo a relaxar. — Ele passou a mão pelos cabelos, nervoso.— Ronald Don? — Angre soltou o nome. Lu Mingfei deu um salto interno. — Como o senhor sabe dele?— Não se esqueça de que a Norma pode acessar seus históricos de conversa a qualquer momento. — O reitor ergueu as mãos, inocente. — Mas, claro, não faço questão de bisbilhotar a vida dos alunos.— Ah, tá... — Lu Mingfei engoliu seco. — E tem o Fengel também. Ele quer ir comigo.— Fengel... — Angre esfregou as têmporas, cansado. — Ainda não se formou? Pensei que já estivesse pelo mundo, em missões... Qual é o nível dele agora?— Er... "F", eu acho? — Lu Mingfei hesitou.— Sabe, eu mesmo o avaliei como "A" no passado. — O reitor soltou uma risada sem graça. — Mas, depois de oito anos repetindo de ano, acho que mais algumas faltas não farão diferença. Licença aprovada.

<http://portnovel.com/book/21/3267>